

Credor está calmo

Se existe alguém para se preocupar com as dificuldades econômicas brasileiras são exatamente os credores do país, ou seja, os banqueiros internacionais. Afinal de contas, com uma inflação bem próxima dos 100%, uma dívida externa que, até o final deste ano, terá atingido US\$ 88 bilhões, além das dificuldades para o equilíbrio da balança comercial e o fechamento das contas externas, os bancos estrangeiros, que emprestam dinheiro ao Brasil, deveriam estar extremamente apreensivos.

No entanto, não estão. Pelo menos, é isso o que eles manifestam em seus pontos de vista sobre os problemas econômicos do país. John Daniel Landers, por exemplo, do Manufacturers Hanover Bank, afirma que a elevada inflação brasileira, de fato, é um tema preocupante entre a comunidade financeira internacional: "Mas, eu pergunto: o que mais se poderia fazer além de tudo aquilo que o governo brasileiro já tem feito?".

Landers diz não ter dúvida: a política econômica está no rumo certo e se os resultados desejáveis não aparecem, ou pelo menos, não aparecem como todos gostariam, é em função da crise internacional: "Há alguns anos, alguém que eu não me lembro, disse que o Brasil era uma ilha de tranquilidade dentro de um mar agitado. Hoje, o Brasil acabou sendo afetado pelos fortes ventos desse mar agitado. Porém, não é o único país no mundo a enfrentar a tempestade".

Na sua opinião, as dificuldades brasileiras não decorrem apenas dos desacertos da política econômica, mas sim da crise que atinge todo o mundo: "Concordo que o país necessita passar por alguns ajustes aqui ou ali. Porém, no mais, os problemas são reflexos da turbulência internacional".

Fala-se muito, atualmente, em renegociar a dívida externa, argumenta Landers: "Para mim isso não passa de uma expressão da moda. Renegociar a dívida é uma questão séria, um problema complexo que não pode ser decidido assim de uma hora para outra. E a meu ver o Brasil não precisa e nem deve renegociar a sua dívida".

Todo mundo critica o endividamento excessivo do país: "Mas todos se esquecem que essa dívida foi contraída em benefício de grandes obras e do aceleramento do desenvolvimento econômico brasileiro. O dinheiro externo foi investido em grandes projetos que futuramente terão um retorno garantido para o Brasil, gerando divisas e mais divisas. Apesar disso, as pessoas falam do endividamento como se fosse tudo uma coisa simples de se resolver. É como se, de repente, se decidisse eliminar o endividamento".

A questão não pode ser enfocada desse jeito, segundo o representante do Manufacturers Hanover Bank: "Essa dívida que está aí obedeceu a uma estratégia de governo, ao longo dos últimos anos e graças a ela o país ainda será muito beneficiado".

Para John Landers o caso brasileiro difere totalmente do México, da Argentina, de Cuba e outros países que também estão com alto grau de endividamento externo: "O Brasil está com a sua dívida muito bem administrada, com um perfil excelente, além de possuir potencial para saldar seus compromissos financeiros. E creio que, apesar de todos os problemas, a balança comercial brasileira ainda apresentará algum superávit este ano".

Landers diz acreditar que, a médio e longo prazos, o país tem amplas condições de superar essa fase crítica que está atravessando, juntamente com os demais países: "Com essa política econômica, com os recursos naturais que possui e com as suas dimensões, seguramente o Brasil sobreviverá facilmente a essa turbulência momentânea que o mundo inteiro atravessa".